



# **O DIREITO DE PUNIR DO ESTADO E SEUS DESDOBRAMENTOS POLÍTICOS. EM QUE MEDIDA A FORMAÇÃO QUE TEMOS ANALISA A QUESTÃO?**

Lucia Schneider Hardt [\*]

O texto pretende problematizar as crenças sobre o bem e mal que pautam a prática da justiça no campo da política e da educação. A partir de autores implicados pela filosofia e literatura somos convidados a cultivar uma espécie de suspeita daquilo que nos captura a considerar possibilidades de punir, regular e avaliar o outro. O sentido da formação humana em sua trajetória deve nos abrir espaços para outras disposições e perspectivas. Implica também sair em busca daquilo que nos contradiz a fim de levar a sério a indagação de Nietzsche: “Quando voltarei para minha pátria onde já não terei de me curvar??”.

**Palavras-chave:** Justiça. Política. Educação. Formação. Nietzsche.

## **THE STATE’S RIGHT TO PUNISH AND ITS POLITICAL CONSEQUENCES. TO WHAT EXTENT DOES THE TRAINING WE HAVE ANALYZE THE ISSUE?**

### **ABSTRACT**

The text aims to problematize the beliefs about good and evil that guide the practice of justice in the field of politics and education. From authors involved in philosophy and literature, we are invited to cultivate a kind of suspicion of what captures us to consider possibilities of punishing, regulating and evaluating others. The meaning of human formation in its trajectory must open spaces for other dispositions and perspectives. It also involves going out in search of what contradicts us in order to take Nietzsche's question seriously: “When will I return to my homeland where I will no longer have to bow??”.

**Keywords:** Justice. Politics. Education. Training. Nietzsche.



## **EL DERECHO DEL ESTADO A CASTIGAR Y SUS CONSECUENCIAS POLÍTICAS. ¿EN QUÉ MEDIDA LA FORMACIÓN QUE TENEMOS ANALIZA EL TEMA?**

### **RESUMEN**

El texto pretende problematizar las creencias sobre el bien y el mal que guían la práctica de la justicia en el campo de la política y la educación. Desde los autores involucrados en la filosofía y la literatura, se nos invita a cultivar una especie de sospecha sobre aquello que nos atrapa para considerar posibilidades de castigar, regular y evaluar a los demás. El significado de la formación humana en su trayectoria debe abrir espacios para otras disposiciones y perspectivas. Implica también salir en busca de lo que nos contradice para tomar en serio la pregunta de Nietzsche: “¿Cuándo volveré a mi patria donde ya no tendré que inclinarme??”.

**Palabras clave:** Justicia. Política. Educación. Formación. Nietzsche.

### **INTRODUÇÃO**

Somos feitos de natureza humana e por isso nossas emoções e paixões também nos envolvem, mas elas não podem impedir nenhum tipo de pergunta ao nosso tempo, nada poderia estar imune ao questionamento, não deveríamos assumir a condição de juízes do outro para silenciá-lo. Afinal, segundo Nietzsche, “aquilo que um homem diz, promete e decide na paixão deve depois ser sustentado na frieza da sobriedade” (2005, p. 264), tarefa das mais difíceis.

A formação dos Estados modernos, ao tempo que organiza e regula uma nação, faz acontecer também um processo de centralização do poder político, ampliando o direito de punir e regular os espaços da sociedade para protegê-la e defendê-la à luz de discursos políticos que aspiram defender a democracia. Contudo ela, a democracia, também é fecundada quando autorizada a punir, mas em que termos isso pode se dar?

Os governos se revezam e cada qual, ao assumir, parece desejar eliminar o que passou. A situação ficou mais acirrada recentemente, pois o que passou parece ter sido um abalo mais profundo. Chegou um governo que mudou radicalmente a forma de se apresentar e pretendeu mesmo demarcar segmentos com os quais não desejava conexão. Isso ocorreu em parte com a educação, saúde, pesquisa na mesma medida que deixou claro quais parceiros desejava,



colocando em suspenso até o Estado laico. Prática nem tão estranha em terrenos da política, bastaria uma investigação no campo da história e de quantas vezes a humanidade enfrentou disputas das mais inverossímeis.

A proposta do artigo não é retomar essa crítica, ela já foi suficientemente compartilhada. A indagação aqui é: como lidamos com aquilo que nos é o oposto no campo da política e da educação? Nossa formação ainda é a recusa desse outro estranho, extermínio desse outro?

Por ironia e por uma espécie de provocação imaginei uma analogia entre o Tratado de Versalhes e o cenário da política de nosso país. Em que medida? Os que agora governam apresentam-se como capazes de superar todo o mal e instaurar a paz. Mas para isso não podem deixar de também praticar a vingança e a punição. Arrisco dizer que é isso que estamos assistindo e pode ser tão perigoso quanto aquilo que resultou do Tratado de Versalhes a partir da Alemanha.

Estamos diante de um tipo de “justiceiros” que desejam revanche, tal como a França em relação à Alemanha no período pós-Primeira Guerra. E para onde esta história nos levou? Acho bom que possamos pensar sobre isso. Os justiceiros por aqui, em sua maioria, são indivíduos, mas ocasionalmente instituições que tomam para si as definições de justiça e suas consequentes interpretações, muitas vezes reticentes a qualquer crítica. Por vezes consagramos ídolos que são mais reais em nossa imaginação do que na concretude da vida.

Não faremos aqui uma retrospectiva histórica de todo o Tratado, mas de forma interessada e coletando informações básicas e gerais pretendo levantar um cenário da época, afinal, o que aconteceu durante o Tratado de Versalhes?

Segundo muitos historiadores, o **Tratado de Versalhes** foi o mais famoso dos tratados de paz assinados após a Primeira Guerra Mundial. O maior empenho foi determinar os termos de rendição alemã definidos especialmente pelos ingleses e franceses. O artigo não tem o propósito de analisar a guerra em si, mas em alguma medida deseja refletir sobre o que somos como humanos quando podemos exercer poder. Muitos historiadores avaliaram que o Tratado



foi muito rígido e ajudou a arrastar a Alemanha para aquilo que veio posteriormente – o nazismo. Os termos do Tratado foram duríssimos, e tudo ficou decidido de forma unilateral para os alemães, que nem foram autorizados a participar da Conferência de Paz de Paris. A Alemanha reagiu de imediato. Houve renúncia de cargos de muitos dirigentes, outros representantes foram convocados e, por fim, sob pressão, assinaram o Tratado.

A punição maior constava nos artigos 231 e 232 do Tratado que declarou a Alemanha a única culpada por ter causado a guerra. Assim, deveria assumir também todos os prejuízos e destruições ocorridas. Deveria indenizar os países aliados em função dos prejuízos. Muitas outras decisões foram tomadas: imposições territoriais, proibição de possuírem marinha e aviação de guerra, nem artilharia pesada. Limitação quanto ao número de militares. As punições por vezes convertidas em um revanchismo produziram na Alemanha muita revolta, até um desacato e o país tomou todas as deliberações como uma ofensa. Do Tratado resultou uma grave crise econômica, hiperinflação, crise política que marcou a república de Weimar, cresceram teorias conspiratórias conectadas com um desejo nacionalista que resultou no surgimento do partido nazista.

Segundo o professor Everaldo de Oliveira Andrade, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), em artigo publicado no jornal da USP<sup>1</sup> (2019), avalia que o tratado de Versalhes:

Não é um tratado de paz e sim uma expressão de uma nova fase do capitalismo, pois a França, mais do que resolver a questão da guerra e conseguir a paz, buscava o revanchismo, utilizando o tratado como uma forma de impor, a longo prazo, uma derrota mais profunda ao desenvolvimento e a uma futura hegemonia econômica da Alemanha na Europa.

<sup>1</sup> Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/tratado-de-versalhes-marcou-nova-fase-do-capitalismo-diz-professor/>. Acesso em: 09/2025



Segundo a avaliação do professor, as inúmeras negociações implicadas pelo Tratado foi uma tentativa de as “potências vencedoras não só de impor a sua ordem política, através da Liga das Nações, mas de destruir a possibilidade de recuperação da Alemanha”. Por fim, o tal órgão regulador para evitar guerras, fracassou e sua dissolução oficial ocorreu em abril de 1946. A sucessora deste órgão regulador foi a Organização das Nações Unidas (ONU), iniciando suas atividades já em outubro de 1945 e em atividade até hoje. Em sua avaliação, Andrade ainda destaca que o propósito da Liga das Nações tinha ainda outros interesses: provocar uma “união entre países vencedores e vencidos para esmagar o Estado soviético que estava nascendo”. O professor em sua análise não estabelece uma conexão direta entre o Tratado de Versalhes, o nazismo e a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Segundo ele, muitos outros elementos estavam em jogo e alguns são próprios de uma tensão no interior da sociedade alemã, desejando evitar qualquer possibilidade de uma revolução socialista na Alemanha. De toda forma, podemos perceber quanto a política em suas deliberações mostra, mas também esconde suas intenções. Nietzsche, ao definir a grande política, afirma que ela impulsiona para a frente e tem como motivação a necessidade do sentimento de poder, a rigor todo estadista é “timoneiro das paixões” (Nietzsche, 2005, p. 221), sabe despertar paixões públicas para tirar proveito delas. Assim o discurso da paz também pode ser o discurso para enfraquecer uma outra nação. Como nos diz Delbó Lopes (2008), apesar de a modernidade “atribuir à política o poder de proteção, pactos de paz, acordos mútuos, sufrágio universal”, os sentimentos de poder nunca serão extintos da vida políticas. O timoneiro sabe capturar paixões para autorizar o seu próprio poder. Sabe oferecer proteção e capturar fidelidades.

Assistimos isso na história, na política e também na educação. Segundo Nietzsche, o caráter demagógico e a intenção de influir sobre as massas são comuns a todos os partidos e por causa disso “todos são obrigados a transformar seus princípios em grandes afrescos de estupidez, pintando-os nas paredes (2005, p. 214). Temos timoneiros em todos os ambientes, desde a igreja, a escola, partidos políticos. Não está em questão o desejo de correção desse sentimento de poder, tampouco idealizar uma justiça fora desse campo de disputas, em geral



mobilizadas por convicções. Bom considerar outra vez nosso filósofo, pois “as convicções são inimigas mais poderosas da verdade do que a mentira” (2005, p. 239). Somos fiéis por termos entregado nossa convicção a algo ou alguém e nesse ponto Nietzsche exalta outra posição “temos de nos tornar traidores, praticar a infidelidade” (p. 265) a vida não ganha valor sem causar essas dores da traição, afinal, “por que admiramos aquele que permanece fiel às suas convicções e desprezamos aquele que muda?” (p. 265). Para Nietzsche esse é um “péssimo atestado da significação intelectual”, pois alterar perspectivas, investigar suspeitas, refutar princípios significa, muitas vezes, deixar de ser crente. E talvez compreender melhor o que é justiça.

Seria adequado estabelecer algumas analogias com o que hoje estamos vivendo no Brasil? As medidas e as proporções são outras, mas estamos descuidados quanto as nossas práticas de desejar fazer justiça simplesmente destinando nossa punição a um só dos lados de um país cheio de nuances políticas e nenhuma delas isenta de análise.

## **O CENÁRIO DA JUSTIÇA E SEUS DESAFIOS**

Os discursos atuais intensificam uma forte defesa do que hoje é governo, pois só esse governo poderia impedir o retorno do que recentemente vivenciamos. É isso o que nos resta? A obra *Castigar, uma paixão contemporânea* (2018), de Didier Fassin, indaga e investiga o nosso desejo de punir. O livro tem três capítulos: “O que é castigar?”, “Por que se castiga?” e “A quem se castiga?”. A partir dessas provocações o autor nos faz pensar sobre o campo jurídico, das ciências sociais, moral e filosófico. Nietzsche, em sua obra *Genealogia da moral*, igualmente nos provoca a pensar sobre o tema da punição e do castigo. Concordo com Fassin quando afirma: “o crime é o problema, o castigo é a solução” (2018, p. 13). É preciso punir para proteger a sociedade. O punir também implica a vingança para evitar aquilo que pode se expandir. Acabamos diante dos conflitos com frequência nas instâncias jurídicas em vez de



serem resolvidas entre as pessoas, ou partidos, ou instituições, demonstrando cada vez mais a consolidação de uma sociedade intolerante.

Nietzsche ainda é mais ácido quando afirma que toda cultura deseja domesticar, criando um animal manso e civilizado. Aceitar esta tese significaria a barbárie? Claro que não, pois o que Nietzsche faz é resistir ao discurso daqueles que dizem: “sejamos o contrário dos maus, sejamos bons! O bom é o que não injúria a ninguém, nem ofende, nem ataca [...]” (2009, p. 49). Estamos capturados por essa história dos bons e maus e por isso Nietzsche pode nos ajudar a pensar:

Os dois valores opostos “bom e mau”, “bem e mal”, mantiveram durante milhares de anos um combate largo e terrível, e ainda que há muito tempo que o segundo valor logrou vantagem, não faltam ainda hoje terrenos onde a luta continua indecisa. (Nietzsche, 2009, p. 53).

Não conseguimos escapar dessa armadilha e ficamos reféns de narrativas pouco confiáveis. Caberia aqui ainda recordar a descrição da virtude amesquinhadora, no *Zarathustra* de Nietzsche quando ele chega à terra firme e ao divisar uma fileira de casas novas, indaga: que significam estas casas? Quem as edificou? (2007, p. 223). A casa aqui significa o desejo de bem-estar, a busca por felicidade rápida que sempre depende da tutela de outros, de certa filiação, dependência de quem oferece proteção.

Estas casas abrigam a liberdade? Incomodado, o filósofo demonstra sua inquietude:

Tudo se tornou pequeno! Por toda parte vejo portas mais baixas: os de minha espécie poderão talvez ainda passar por elas, mas terão que se curvar! Quando voltarei para minha pátria onde já não terei de me curvar!... onde não terei de me curvar ante o pequeno? (Nietzsche, 2009, p. 223).

Em seu discurso ele percebe a impaciência de quem o ouve, “querem até morder-me, por eu lhes dizer que as pessoas pequenas *necessitam* de pequenas virtudes” (p. 224). Para o



filósofo, é uma injustiça igualar a todos, abrigar-se na multidão por receio de fazer a experiência da singularidade. Para pensar a justiça é preciso reconhecer que os homens não são iguais e isso altera completamente os procedimentos de análise da vida prática.

Deparamo-nos então com o conceito de uma outra justiça que não é expressão da barbárie, mas implica, isso sim, o acolhimento e o reconhecimento do valor da expansão da vontade de potência. Podemos afirmar, assim, que tanto Fassin como Nietzsche mostram-se insatisfeitos, por vias diferentes, com aquilo que até então teoricamente fica consagrado como revelador da justiça e necessidade de punição.

Não é propósito do texto negar a relevância da lei como critério de justiça. Mas o que pode a lei? Montaigne também indaga sobre a função da lei e seus desdobramentos, afirmando ser necessário discernimento para compreender que, para além de toda a arbitrariedade e diversidade dos costumes, em alguma medida eles indicam os fundamentos das leis e dos governos bem como suas próprias contradições.

Interessante pensar com Montaigne e refletir sobre as implicações do seu ceticismo no estudo da lei e da ética. Para o filósofo, o costume e a lei não têm a autoridade de pronunciamento sagrado, contudo

funciona apenas como artefato cultural. Porém, os costumes decidem por nós as nossas formas práticas de justiça, não importa a quão arbitrária, desordenada e injusta. Ainda que Montaigne submeta a intenso escrutínio a ordem jurídica, as leis e os costumes, não sugere a desobediência, ao contrário defende a obediência inquestionável da ordem costumeira, em razão da força da tradição. Ressalta que devemos obediência às leis, cuja única autoridade é que "elas são leis". (Conceição, 2015, p. 904).

Mesmo assim alerta: “o costume surge de forma fortuita, é costurado depois em leis, constituindo base para a política, assim o conhecimento é sempre fragmentado, provisório, insuficiente para a determinação de leis universais” (Conceição, 2015, p. 915-916), portanto, “o melhor governo é o que menos se faz sentir, o que assegura a ordem pública sem invadir a



vida privada, sem pretender orientar todos os domínios, inclusive os do espírito em todos os seus recantos” (Conceição, 2015, p. 917).

Podemos concordar com Conceição (2015) que, para Montaigne, a prática da lei torna-se um problema filosófico. Ele reconhece um mundo cheio de nuances, partidos, crenças, sabe que a sociedade precisa ter uma mínima organização, em geral pautada pelo costume e depois na lei. Assume também suas divergências com as instituições, sejam elas judiciais, políticas ou educacionais, e requer em seu trabalho como filósofo uma dupla exigência: liberdade e autonomia. Apesar disso, toda situação é desvantajosa quando “alguém se outorga toda liberdade de ação e considera permitido tudo o que pode servir a seus intentos, não conhecendo obstáculos ao que imagina útil a seu ponto de vista: ‘confiar no pérfido é instigá-lo’” (Montaigne, 2016, p. 161).

O tempo histórico de Montaigne se diferencia do nosso, mas suas reflexões nos ajudam a entender como as questões da lei e da aplicação delas é ao mesmo tempo necessário e paradoxal e, segundo o filósofo, “quando as leis não podem obter o que têm direito de exigir, mais vale que exijam somente o que podem obter” (Montaigne, 2016, p. 162).

Para Nietzsche (2007), para além do costume que sempre é instituído, em toda e qualquer organização humana existe sempre uma dose de violência em função da imposição de determinada forma de vida que se impõe quase sempre em função de valores morais. Por vezes, a violência pode ser investigada por meio das promessas, e a punição pode converter-se em um protocolo de segurança para sustentar certo tipo de sociedade, partido, religião. A punição informa que não compensa transgredir regras e é nesse entorno que definimos o que seja justiça.

As crenças sobre o bem e mal que pautam o sentido da justiça foram inventadas e representam situações de poder e nesse horizonte estamos todos enraizados. Será preciso desconfiar daqueles que buscam filiados e adeptos. Se presos a essa lógica a justiça precisa da vingança, para mostrar que sempre que nos opomos ao horizonte dado como do bem, podemos perder proteção, perder a “casa”, benefícios. Contudo, apesar da proteção corremos o risco de



precisar se curvar, as portas são pequenas, os benefícios são mínimos, as casas são baixas a considerar a provocação de Nietzsche. Vale também refletir sobre a reflexão de Montaigne quando indaga sobre nosso direito à autonomia e à liberdade ainda que em um contexto de reconhecimento da lei que nunca acessa a perfeição.

Nosso maior desafio parece ser compreender que o processo de socialização do homem foi também um processo de domesticação; foi necessário suspender ou mesmo impedir a vontade de potência para criar uma ideia de responsabilidade e da moralidade do costume. Só uma virtude modesta se conforma com esta conveniência (Nietzsche, 2007, p. 225). Zaratustra revela:

Eis a pior hipocrisia que encontrei entre os homens: até os que mandam fingem as virtudes dos que obedecem. ‘Eu sirvo, tu serves, nós servimos’ – assim psalmodeia também a hipocrisia dos governantes... e eis uma desgraça quando o primeiro dos senhores nada mais é que o primeiro servidor! (Nietzsche, 2009, p. 225).

Onde algo se mostra piedoso e justo é preciso cautela, pois ali também tem poder e interesse, “no fundo de sua simplicidade, o que querem é uma coisa bem simples: que ninguém, os prejudique. Por isso cuidam de ser amáveis para com todos e praticam o bem” (Nietzsche, 2009, p. 226).

Apesar de praticar um suposto bem, ainda é pertinente a indagação: quando voltaremos para nossa pátria sem ter que se curvar? Já nos curvamos tantas vezes e nas mudanças que em vez de sair da mesquinharia a cultivamos e assim voltamos a nos curvar. Quando sairemos dessa?

Nós, educadores, estamos em excesso abraçados com os que governam, especialmente quando eles fazem promessas que nos interessam, fazemos elogios e, por vezes, nos curvamos a eles. Por outro lado, indignar-se e resistir aos governos indiferentes à educação é tarefa complexa e ao mesmo tempo necessária, contudo, não ao ponto de curvar-se a tudo,



especialmente aquilo que se apresenta como alternativa. Aderir a medidas de extermínio do outro, querer ver desaparecer aqueles que antes governavam, punir, castigar, alimentar desejo de revanche é no mínimo uma posição ingênua. É sempre bom lembrar: “quanto sangue e quanta desonra se encontra no fundo de todas estas coisas boas” (Nietzsche, 2009, p. 61).

Mas vale refletir, em tempos de bipolaridade, “a quem falar... quando ninguém, tem os ouvidos?” [...] Zaratustra grita: “Gente mesquinha, cada vez vos amesquinhaís mais! Gente acomodaticia, cada vez vos desagregais mais! E acabareis por perecer, com vossa infinidade de minguadas virtudes, de minguada resignação.” (Nietzsche, 2007, p. 227-228).

Retomo o Tratado de Versalhes, poderiam ser também outros tantos casos. Parecemos, por vezes, no campo político-educacional, reeditar a nosso modo também um tratado que compulsivamente define culpados, compartilha termos de punição, formas de julgamento e avaliação. O apetite é tanto que estamos esquecendo de avaliar nosso solo, nossa pátria, o que já vivemos, a quem já nos curvamos para decidir por onde prosseguir. Criamos também termos de rendição, não é só a resignação que está em jogo, mas a política do desaparecimento do outro. Ninguém percebe que ele pode voltar ainda mais perigoso? Também pelo ódio de quem quer os eliminar? Mas que diabos é o bem e o mal em terras onde de repente todos se apresentam como virtuosos?

## **OS TEMPEROS DE NOSSA FORMAÇÃO**

Dessa provocação quero convidar meu leitor para pensar a formação humana com vista a enfrentar talvez essa mesquinharia. Busco novos parceiros para pensar.

Ando às voltas também com Clarice Lispector e sua escrita sobre os sopros de vida, cada sopro quer livrar-se de algo, mas também salvar-se de alguém. Ela narra aquilo que todo humano por vezes sente. No exercício da docência também buscamos, muitas vezes, salvar a nós próprios: das muitas aulas, dos múltiplos convívios, dos inúmeros horários, das tantas



perguntas, das inúmeras emoções e desilusões, da falta de silêncio e da falta de solidão. Desejamos também celebrar a alegria de educar, mas desejamos nos salvar da culpa por ser feliz na hora errada, por vezes até ser feliz quando a aula acaba. Estamos em alguma medida todos sitiados ao modo Lispector, presos a algumas armadilhas e ao mesmo tempo com um forte desejo de livrar-se do que nos prende, e diante do espanto em relação ao nosso cotidiano não temos como escapar: “amanhã vou ter de novo um hoje” (Lispector, 2020, p. 12) e outra vez forças serão necessárias para enfrentar a vida, o hábito que por vezes nos anestesia (Lispector, 2020, p. 12).

Nesse sopro de vida da escrita que vem do pensamento está a intenção de conectar Clarice com Nietzsche, a considerar as múltiplas nuances entre eles, existe um terreno comum entre dois autores em que reflexões são cultivadas na interação entre o campo da literatura e da filosofia. Nietzsche, muitas vezes, sentiu-se também sitiado e decidiu enfrentar aquilo que o prendia, limitava, adoecia. Uma vida se fortalece enquanto busca a convalescença. A interface entre doença e saúde oferecida como reflexão pelo filósofo nos ensina sobre a decadência. Ela nos rodeia o tempo todo, contudo, não ocupa todos os espaços, sempre temos jardins a cultivar, sempre precisamos esperar o florescimento das flores, “somos todos vulcões em crescimento, que terão sua hora de erupção” (Nietzsche, 2001, p. 61). Se esta hora está próxima ou não ninguém sabe. No espírito da *Gaia ciência* após demoradas privações e sofrimentos Nietzsche retorna com força indagando-se: quanta coisa deixei para trás enquanto o abismo da dor me consumia? Mas, por fim, diz o filósofo:

Voltamos *renascidos*, de pele mudada, mais suscetíveis, mais maldosos, com gosto mais sutil para a alegria, com língua mais delicada para todas as coisas boas, com sentidos mais risonhos, com uma segunda, mais perigosa inocência na alegria, ao mesmo tempo mais infantis e cem vezes mais refinados do que jamais fomos antes. (Nietzsche, 2001, p. 14).

Para escrever sobre a dor, o cansaço, a decadência, a convalescença, a ironia, a coragem, a atuação em campo político, talvez seja possível mobilizar conceitos que encontramos com



força nos dois autores aqui referidos. Nos dois encontramos um amor incondicional à existência, amor ao destino, a tudo que como força impregna nossos corpos para nos fazer pensar. Escrevem sobre o sofrimento e estratégias de resistência, nos fazem mergulhar no ethos trágico. A beleza afirmada pelos dois é uma espécie de encontro com a dimensão trágica da vida e com o reconhecimento do acontecimento que impacta a nossa vida, momentos que merecem nossa atenção para prosseguir vivendo. O entorno da justiça também encontra sua dimensão trágica. Se fazer justiça implica punição como saber quando também não estamos implicados por armadilhas. A obra de Lispector – *Cidade sitiada* – pode nos fazer pensar em que medida estamos sitiados no mundo da política, do ressentimento, da punição.

Enquanto educadores também adoecemos, as enfermidades nos alcançam, nos sentimos sitiados de várias formas nos sistemas que nos abrigam e nos prendem. Desejamos a segurança deles, mas, por vezes, não suportamos o peso dessa proteção. Como fazer renascer um gosto muito sutil pela arte de educar, convertendo-se em força para escapar, jogar, refinar, qualificar nossa condição de docentes nas instituições. No livro de Manuel Vilas – *Em tudo havia beleza*, o autor revela como nosso olhar pode ser mais refinado considerando todas as nuances da vida. O livro descreve a morte do seu pai e de sua mãe e ao lembrar de seu pai caminhando para a dissolução total, consegue revelar uma espécie de beleza que aparece ao descrever seu passado e sua própria vida. Afinal, o privilégio de viver para recordar é algo por si só muito relevante. Segundo Vilas,

a dor não é, em absoluto, um impedimento para a alegria – tal como eu entendo a dor –, pois para mim está vinculada à intensificação da consciência. O sofrimento é uma consciência expandida que alcança todas as coisas que foram e serão. É uma espécie de gentileza secreta com todas as coisas. Cortesia com tudo que foi. E da gentileza e cortesia nasce sempre a elegância. (Vilas, 2023, p. 16).

Vilas é sarcástico em descrever a vida, a sua, do pai, da mãe. Por fim, “somos todos enfiados no túnel da existência, que é uma categoria moral, e existir nos obriga a fazer, fazer



coisas, seja o que for” (p. 10). Melhor encontrar alguma beleza nisso tudo, revela Vilas. Contar e escrever sobre a própria vida pode, em alguma medida, acionar recordações de outras pessoas, e de como podem lembrar de seus próprios pais. Por fim, afirma Vilas, contemplar o tempo passado pode fazer com que nos enamoremos de nossa própria vida, afinal, viver é sempre uma experiência única e singular.

Também Nietzsche percebe o belo no espaço da dor. O sofrimento não é uma experiência necessariamente ruim, pode ser uma forma de acionar nossa força e afirmação da vida. Sua trajetória pessoal é um exemplo clássico disso.

Nós, educadores, também conhecemos a travessia da dor, da frustração, e nem por isso deixamos de ser professores. Conhecemos também a alegria sempre que conseguimos acionar nossa força e resistência em tempos mais sombrios. Nessa direção compartilhar vivências sobre o belo envolvendo a dor e também a alegria em campos distintos da existência humana é uma forma de cultivo de si, uma forma de seguir vivendo por meio de uma escuta sensível capaz de sentir não só seu próprio corpo, mas o vibrar de muitos outros corpos também vivos e expostos a todo tipo de experiência.

É necessário ter o direito de pronunciar-se sem pressa, restabelecer ingredientes da beleza a saber: pensar, ler, escrever e falar com a sutileza de quem reconhece cores, tonalidades, signos, expressões, espaços vazios para “abrir comportas, para ver a água jorrar com ímpeto” (Lispector, 2020, p. 15) talvez em momentos muito raros, mas mais significativos que o burburinho da multidão. “Deveríamos respeitar mais o pudor com que a natureza se esconde por meio de enigmas e de coloridas incertezas. Talvez a verdade seja mesmo uma mulher que tem razões para não deixar ver suas razões?” (Nietzsche, 2001, p. 15).

Queremos nos debruçar sobre a criatividade e a plasticidade que nasce nos encontros entre humanos e talvez aprender um pouco sobre a nossa decisão em ter escolhido ser professor. Nietzsche mesmo avaliou sua trajetória e depois de dez anos como professor decide que esse não é seu caminho. Percebe que o sistema o quer engolir por inteiro. Segundo Béland (2022, p.



361), optou então por uma “vocação não profissionalizada” para seguir a vida, ou seja, como um filósofo andarilho. Deseja ler, escrever e pensar de outro modo do que as demandas institucionais. Nietzsche é um exemplo de uma singular combinação entre sua plasticidade e criatividade, própria para suas inquietações. Elas nos ajudam a pensar e indagar sobre as nossas inquietações e na condição de mestres identificar onde já não conseguimos mais estabelecer com o conhecimento uma relação de reflexão, de perturbação, convertendo a profissão em uma transmissão de conhecimento engessado que não mais indaga. Também os estudantes na aproximação com a singularidade de Nietzsche podem ser convocados a perceber suas próprias singularidades, o que não significa abandonar o rigor dos estudos, mas deixar de ser apenas consumidor de conteúdo para dar a si mesmos o direito de ser intérprete, aquele que ainda deseja ver como a educação conecta-se com a vida.

A vida contém uma beleza que se movimenta, se desloca, voa, dança, joga, disputa, tensiona, desafia, se mostra e se esconde, experimenta tudo aquilo que um espaço como a escola e também a política viabilizam. Não podemos apenas julgar, medir o que falta, ver vulnerabilidades, fragilidades, mas dar aos espaços um tanto de vida que pode fazer acontecer o florescimento humano.

## **DO ESPÍRITO LIVRE E DOS EDUCADORES**

Estamos à caça de educadores sensíveis, mas também educadores capazes de operar com os conceitos. A beleza acontece também quando os conceitos se apresentam, dançam diante de nós, e nos convocam a fazer manobras com eles jamais feitas, para redesenhar até mesmo novas interpretações. O convite de nossos autores referência é lançar-se nesse mundo para fazer experimentos com o conteúdo, com os estudantes, conosco mesmos. Procurar inclusive fazer experimentos para nos proteger e sobreviver nas instituições de ensino (condição necessária para ser professor e proteger sua vida), e, por fim, para reinventar a própria tarefa pedagógica. Talvez neste caminho de formação tenhamos menos riscos de cair em armadilhas



também no campo da política, que é um campo necessário de atuação dos professores sem, contudo, obrigatoriamente curvar-se a suas demandas.

Educadores também são capturados por convicções o que pode levá-los para bem longe de um pensamento científico e da experiência do espírito livre. Pois, segundo Nietzsche,

convicção é a crença de estar, em algum ponto do conhecimento, de posse da verdade absoluta. Esta crença pressupõe, então, que existam verdades absolutas; e, igualmente, que tenham sido achados os métodos perfeitos para alcançá-las; por fim, que todo aquele que tem convicções se utilize desses métodos perfeitos. (2005, p. 266).

A educação em alguma medida também é capturada por convicções, não é à toa que as disputas entre diferentes teorias da educação sempre nos seduzem, métodos são defendidos, outros recusados, nos empenhamos para criar grupos de apoio, definir políticas públicas para deslocar a paixão para o ambiente de poder. Antes de recusar esse movimento, que sempre estará à nossa volta, talvez devêssemos, como nos alerta Nietzsche, aprender sobre a cautela do pensamento científico, que não se entusiasma apressadamente e suporta o sempre profundo “mal-estar lá onde circulam posições céticas” (2005, p. 267). Aprender sobre a ciência implica aprender sobre hipóteses, erros, enganos ter desconfiança em relação aos descaminhos do pensar, discutir métodos.

Viver de forma destemida para fecundar uma coragem capaz de defender um mundo que não é a priori nem bom nem mau, pois tais valores aparecem enquanto humanos ao desejar organizar suas próprias oscilações e disposições servem-se interessadamente daquilo que convém. Nietzsche é ainda mais irônico: “de antemão somos seres ilógicos e por isso injustos e capazes de reconhecer isso: eis uma das maiores e mais insolúveis desarmonias da existência” (2005, p. 38). Assim, seguindo com Nietzsche, podemos entender que das “paixões brotam opiniões que se enrijecem na forma de convicções” (2005, p. 270), e resistir a este enrijecimento pode ser uma alternativa para pensar a complexidade da justiça e também de uma outra política



e educação. Sempre deverá existir algo de errante em nós, nunca atrelar o coração a nada para sempre, que “tenhamos alegria na mudança e na passagem” (2005, p. 271).

O texto neste exercício de reflexão apenas recomenda que tenhamos força para suspeitar, investigar as razões de determinados tratados, acordos, políticas públicas, projetos de educação, com os quais sempre precisaremos lidar em nosso ambiente. Mas precisaremos também avaliar aquilo que sustenta tais iniciativas, pois “possuir a verdade vale hoje bem pouco em relação àquele outro, mais suave e nada altissonante, que implica a busca da verdade, que nunca se cansa de reaprender e reexaminar” (2005, p. 272).

Estaremos prontos para isso? Enfim teremos que enfrentar nossos próprios ídolos??

## **A MARCHA LENTA EM DIREÇÃO A SI MESMO**

A figura do andarilho, do viajante em Nietzsche pode neste ponto ajudar muito para compreender seu entendimento sobre formação e nos ajudar a elucidar o enigma formativo de Nietzsche: “*como alguém se torna o que é*”. Pensar para o filósofo é uma forma de manter-se vivo, não se submeter a crenças já estabelecidas e ousar indagar outra vez sobre qualquer tema humano. A condição do andarilho implica ver mais longe, tentar livrar-se dos ídolos, ver de vários âmbitos e perspectivas o que insiste em ser apresentado de uma única forma. Podemos aprender com os artistas tal como Nietzsche sugere:

De que meios dispomos para tornar as coisas belas, atraentes, desejáveis para nós, quando elas não são? – e eu acho que em si elas nunca o são! Aí temos algo a aprender dos médicos, quando eles, por exemplo, diluem o que é amargo ou acrescentam açúcar e vinho à mistura; ainda mais dos artistas, porém, que permanentemente se dedicam a tais invenções e artifícios. Afastarmo-nos das coisas até que não mais vejamos muita coisa delas e nosso olhar tenha de lhes juntar muita coisa *para vê-las ainda* – ou ver as coisas de soslaio e como que em recorte – ou dispô-las de forma tal que elas encubram parcialmente umas às outras e permitam somente vislumbres em perspectivas-ou contemplá-las por um vidro colorido ou à luz poente – ou dotá-las de pele



e superfície que não seja transparente: tudo isso devemos aprender com os artistas, e no restante ser mais sábios do que eles. Pois neles esta sutil capacidade termina, normalmente, onde termina a arte e começa a vida; nós, no entanto queremos ser poetas-autores de nossas vidas, principiando pelas coisas mínimas e cotidianas. (Nietzsche, 2001, p. 202).

A experiência do andarilho designa uma vontade de movimento, de enfrentamento de um sedentarismo do corpo, do pensamento. O belo caminha, a formação solicita deslocamento. A formação humana parece ser a própria expressão desse devir constante da morada do belo, também de uma estilística da vida. Talvez ainda mais uma autoformação. Sempre que cansamos de algum tipo de beleza e passamos a desejar outra não confirmamos as travessias formativas com sabor e performance estética? Isso se dá por detalhes mínimos, por exemplo: outros olhares, ouvidos para novas abordagens, a escrita de outros ensaios, novas perguntas, suspeição de algumas respostas, estranhamento do que era familiar. Quem vive despede-se de coisas, tal como diz Nietzsche, as folhas amareladas se despedem da árvore para que outras, novas e verdes possam aparecer. Qual o sentido desta despedida?

Nietzsche usa a imagem de deixar coisas como folhas que caem no vento para ilustrar a ideia de que é preciso aceitar a mudança e a passagem do tempo, assim como a natureza. Aceitar que certas coisas vão embora é uma parte essencial da vida, aceitar a passagem do tempo que também traz a mudança, não se deixar capturar por promessas de segurança, é preciso entender a flexibilidade e a abertura para pensar o novo. A vida para Nietzsche é esse fluxo contínuo que nos convida a evitar aquilo que insiste em fixar-se, pois compreende a vida com toda sua potência. Uma lenta caminhada a si mesmo para colocar-se no mundo de um modo muito singular.

O andarilho conhece esta lenta caminhada. O andarilho não é o viajante que já tem um destino, o andarilho é aquele que decidiu que o conhecimento só é possível a partir da experiência que conecta o tempo e o espaço sem jamais permitir um pensar linear, nenhum tipo de crença, nem tutelas. O andarilho é movido pela inquietação que não cessa de apresentar-se como insistência. Trata-se de um ímpeto pedagógico, formativo que também deseja andar para



o além de si próprio. No prólogo de *Humano demasiado humano II*, Nietzsche compartilha sua grande tarefa:

Assim como um médico põe seu enfermo num ambiente inteiramente alheio, para que seja subtraído a todo o seu “até então”, suas preocupações, relações de amizade, cartas, deveres, tolices e tormentos da memória, e aprenda a estender as mãos e os sentidos para uma nova alimentação, um novo sol, um novo futuro, eu também me impus um clima da alma inverso e inexplorado, ou seja, uma peregrinação ao estrangeiro, ao alheio, uma curiosidade por toda espécie de alheio... Seguiu-se um longo vagar, buscar, trocar, uma aversão a todo fixar-se, a todo rude afirmar e negar; e igualmente uma dietética e disciplina que pretendeu tornar o mais fácil possível, para o espírito, correr longe, voar alto, sobretudo prosseguir voando. De fato, um mínimo de vida, um desprendimento de todo apetite mais grosseiro, uma independência em meio a toda circunstância desfavorável, juntamente com o orgulho de poder viver em tais circunstâncias; algum cinismo talvez, algum “barril”, mas também, certamente, muita felicidade caprichosa, vivacidade caprichosa, muita quietude, luz, refinada tolice, oculta exaltação – tudo isso resultou, enfim, num grande fortalecimento espiritual, numa crescente alegria e abundância de saúde. A própria vida nos recompensa por nossa tenaz vontade de vida, por uma demorada guerra como a que em mim travei contra o pessimismo do cansaço de vida, e já por qualquer atencioso olhar de nossa gratidão, que não deixa escapar a menor, mais delicada, mais transitória dádiva da vida. Por fim recebemos as suas dádivas grandes, talvez também a maior que ela pode conceder — recebemos de volta a nossa tarefa. (2008, p. 12).

Alterar ou aprimorar o caminho de formação é também reconhecer aquilo que foi superado para dar potência às tarefas que desejamos realizar. No *Zarathustra*, Nietzsche condena e critica uma espécie de virtude que ele denomina “amesquinhadora”, já nos referimos a ela neste texto. Neste ponto o filósofo revela seu desejo de não mais precisar curvar-se para entrar em sua pátria. O suposto profeta Zarathustra quer saber o que fora feito do homem enquanto estivera longe e por que motivo a virtude parecia se reduzir a uma doutrina da resignação. O filósofo segue em suas obras a empreender esforços em direção à sua grande tarefa: “um caminho novo para uma nova saúde para amanhã e depois de amanhã” (2008, p. 13).



No *Zaratustra*, o mesquinho aparece para evitar ser prejudicado, quer pertencer a um rebanho e ainda não entendeu que o que deseja o profeta é levar cada um ao seu próprio pensamento. Trata-se da defesa de um conceito muito específico de liberdade que Nietzsche deseja nos ensinar e é preciso aqui compartilhar:

Meu conceito da liberdade. – Às vezes o valor de uma coisa não se acha naquilo que se obtém com ela, mas naquilo que por ela se paga – aquilo que custa o que nos *custa*. Darei um exemplo. As instituições liberais deixam de ser liberais logo que são alcançadas: não há, depois, nada tão radicalmente prejudicial à liberdade quanto as instituições liberais. Sabe-se muito bem *o que* trazem consigo: elas minam a vontade de poder, elas são o nivelamento de montes e vales alçado à condição de moral, elas tornam os homens pequenos, covardes e ávidos de prazer – com elas triunfa, a cada vez, o animal de rebanho. [...] Liberdade significa que os instintos viris, que se deleitam na guerra e na vitória, predominam sobre outros instintos, os da “felicidade”, por exemplo. O ser humano *que se tornou livre*, e tanto mais *o espírito* que se tornou livre, pisoteia a desprezível espécie de bem-estar com que sonham pequenos lojistas, cristãos, vacas, mulheres, ingleses e outros democratas. O homem livre é *guerreiro*. – Como se mede a liberdade, tanto em indivíduos como em povos? Conforme a resistência que tem de ser vencida, conforme o esforço que custa ficar *em cima*. O mais elevado tipo de homens livres deve ser buscado ali onde é continuamente superada a mais alta resistência: a cinco passos da tirania, junto ao limiar do perigo da servidão. (Nietzsche, 2006, p. 88-89).

Nietzsche fala e escreve a partir do seu contexto, por vezes encontramos paradoxos, exageros, mas no caso de seu conceito de liberdade não existe espaço para atitudes mesquinhas e covardes. Despreza aqueles com atitudes compulsivas de proteção que apenas desejam ter um rebanho à sua disposição. Ser livre é em alguma medida ter força para enfrentar promessas de bem-estar, de felicidade que não se concretizam. Afinal, como se mede a liberdade de um povo e de indivíduo? Segundo o filósofo é manter-se *em cima*, resistente a qualquer tirania impedindo qualquer possibilidade de servidão.

A liberdade, portanto, tem a ver com a singularidade que faz acontecer uma expansão do pensar, capaz de inventar e criar possibilidades para existir. Da filosofia podemos contar



também com a literatura, neste texto significa tomar Lispector como interlocutora para também pensar a liberdade. Você quer nos acompanhar a considerar esse itinerário? E nesse convite vale lembrar o que Lispector nos diz:

Vou te dizer uma coisa: não sei pintar nem melhor nem pior do que faço. Eu pinto um “isto”. E escrevo um “isto” – é tudo o que posso. Inquieta. Os litros de sangue que circulam nas veias. Os músculos se contraindo e retraíndo. A aura do corpo em plenilúnio. Parambólica que sou. Não me posso resumir porque não se pode somar uma cadeira e duas maçãs. Eu sou uma cadeira e duas maçãs. E não me somo. (Lispector, 1973, p. 88).

Eu sou quadro, giz e palavra e não me somo também. E você?

Estar no mundo, estar ligado à terra, não se reduz à penúria, ao sofrimento, ainda que ele sempre nos acompanhe, mas contemplar o mundo, seus enigmas “por um vidro colorido ou à luz do poente” (Nietzsche, 2001, p. 202). Tomar a liberdade do ver para imaginar, tal como Lispector nos aponta.

Tanto para Lispector como para Nietzsche a liberdade é guerreira, ela quer espaço, sabe que será necessário a força e perseverança. Deseja ser corpo e presença no mundo e tem prazer em ver o mundo em movimento.

Com isso pode como artista restabelecer sua relação com o mundo. Não abdicar do cuidado dele, mas redefine tarefas, avalia o cansaço e redimensiona as ocupações que tem com o mundo e com as pessoas. Afinal, estar em conexão com processos formativos implica liberdade e imaginação. Na complexidade das travessias formativas nasce um mestre e um estudante. E é também o mundo que ao nos acolher a todos ele próprio se forma outra vez. Lispector convida: “venha antes que seja tarde demais” (1973, p. 66). O mundo nos espera, o mundo é nossa única morada e nela a relação formativa entre mestre e discípulo ancorada também na arte de viver passa a ser uma forma de experimentar um tipo singular de liberdade e formação e talvez inaugurar “novas auroras, aquelas que ainda não brilharam” (Nietzsche,



2008, p. 08). Novas auroras são as possibilidades de transfiguração de nossas ocupações com o mundo, podem ser nossos ensaios sobre a arte de viver. A vida, diz Lispector, nos oferece uma liberdade esquiva e delicada, é “como saber arrumar flores num jarro: uma sabedoria quase inútil” (1973, p. 82), mas que deixa um rastro de beleza. Aprecio demais esta abordagem de Lispector – *arrumar flores no jarro* – tarefa sem impacto aparentemente, mas reveladora de emoções, que em ação deseja doar algo ao mundo, à sua casa, a seu ambiente. Nietzsche destaca a música, ela também nos convoca a dar atenção a algo que supostamente não tem uso imediato, mas oferece beleza a nossa existência. Afinal,

primeiro temos que *aprender a ouvir* uma figura, uma melodia, a detectá-la, distingui-la, isolando-a e demarcando-a como uma vida em si; então é necessário empenho e boa vontade para *suportá-la*, não obstante sua estranheza, usar de paciência com seu olhar e sua expressão, de brandura com o que nela é singular: – enfim chega o momento em que estamos *habitados* a ela, em que a esperamos, em que sentimos que ela nos faria falta, se faltasse; e ela continua a exercer sua coação e sua magia incessantemente, até que nos tornamos seus humildes e extasiados amantes, que nada mais querem do mundo senão ela e novamente ela. – Mas eis que isso não nos sucede apenas na música: foi exatamente assim que *aprendemos a amar* todas as coisas que agora amamos. Afinal, sempre somos recompensados pela nossa boa vontade, nossa paciência, equidade, ternura para com que é estranho, na medida em que a estranheza tira lentamente o véu e se apresenta como uma nova e indizível beleza: – é a sua *gradidão* por nossa hospitalidade. Também quem ama a si mesmo aprendeu-o por esse caminho: não há outro caminho. Também o amor há que ser aprendido. (Nietzsche, 2001, p. 221-221).

No palco do mundo estas coisas que nos são oferecidas habitam o instante, nele vivemos e “ao mesmo tempo que vivemos, lançamo-nos na passagem para outro instante” (Nietzsche, 2001, p. 90) o instante é a medida do tempo que temos para viver e por isso precisamos nos habituar segundo Nietzsche a deixar chegar a “coação e a magia daquilo que o instante oferece até que nos tornemos seus humildes e extasiados amantes” (Nietzsche, 2001, p. 221).

O que pode ser o instante em nossa atividade docente? Também nesse espaço precisamos ser anfitriões daquilo que pode ser a magia da beleza dos encontros. A história de



nossos hábitos, inclusive pedagógicos, estão por vezes impedidos de oferecer hospitalidade, estão engessados excessivamente formatados para outras direções. Também não cabe prescrever nada, apenas aprender a desviar o olhar para também enxergar a “beleza das flores no jarro”.

Das flores voltemos à docência. Em um capítulo recente de Béland (2022), que integra a obra que discute a Filosofia como modo de vida, podemos refletir de modo muito singular em que medida o desafio de tomar a Filosofia e sua conexão com a vida, no caso de Nietzsche, e, segundo Béland, também implica pensar sobre a relação entre profissão e chamamento na academia, por exemplo. As pesquisas sobre Nietzsche educador indicam que ele sempre foi muito reconhecido pelos alunos e apreciava preparar suas aulas. Contudo, não encontrava prazer em muitas atividades burocráticas, e como diz Béland, “odiava ser o rosto de um representante da universidade” (2022, p. 340). Primeiro discordou dos rumos dos estudos da filologia, e desejava cada vez mais aproximar-se da filosofia para habitar um lugar onde era possível alargar os horizontes da reflexão.

Nesse estudo de Béland o conflito entre profissão e vocação sempre impactou a vida de Nietzsche até o momento em que ele consegue de fato perceber qual o seu “chamamento” pessoal e decide com a ajuda de alguns amigos trilhar outros caminhos até de fato tornar-se um filósofo. Para Nietzsche existia uma relação importante entre a filosofia e a filologia, defesa compartilhada por poucos teóricos. A filologia tinha se convertido em um conhecimento técnico, erudito, desconectado com a vida, e como dissemos antes desconectado das indagações provadas e instigadas pelos alvoroços do mundo. O filósofo viveu esta contradição em seu corpo: formado para desenvolver o trabalho científico na perspectiva clássica e um instinto forte que o levava a pesquisar os gregos, os antigos. Percebia que os primeiros estudos em alguma medida engessavam interpretações e, por fim, percebeu, como nos diz Béland,

uma incompatibilidade entre o impulso instintivo – a paixão – que inicialmente determinara a escolha de sua carreira, e o impulso científico que



guiava o seu trabalho de investigação científica. Apesar de ambos os instintos se alimentarem do mesmo ideal, uma expressão deste ideal tende a extinguir a outra. (Béland, 2022, p. 349).

O filólogo cultiva os estudos clássicos, mas parece estacionar em uma perspectiva técnica, que converte a história em verdade e pela sua compulsão ao perfeccionismo abandona a indagação e parece até sua paixão pelo conhecimento. Isso perturba muito o nosso filósofo Nietzsche. Ele, em vários momentos de sua obra, indaga sobre a contradição entre paixão e ciência. Desejou ter uma profissão que respeitasse sua vocação<sup>2</sup> e no início imaginou ser possível unificar profissão e vocação no campo da filologia. Tentou defender essa conexão em sua obra – *Nascimento da tragédia* – mas o resultado mais significativo foi o silêncio e resistência às suas teses por parte dos intelectuais de sua época. Por fim, percebe que “a profissão filológica não estava aberta à suas perspectivas metodológicas, filosóficas e culturais” (Béland, 2022, p. 354). Em uma perspectiva pedagógica, segundo Béland (2022), Nietzsche também percebeu que o encaminhamento a uma profissão ocorre muito cedo, quando ainda nem nos conhecemos a nós próprios. O impacto da paixão e sua relação com uma ciência já constituída pode fazer naufragar uma vocação. Apesar de sua crítica à formação filológico-científica recebida reconhece que aprendeu a arte de interpretar, e soube cultivar habilidades essenciais que foram importantes para o seu voo próprio e singular.

## CONCLUSÃO

Aquele que governa, aquele que cultiva convicções, definido por Nietzsche como o “timoneiro das paixões” quer também tirar proveito delas e precisa de um público, de uma massa capaz de seguir o movimento de poder. Esta é a configuração de uma espécie de pequena política e pequena educação. Precisa de adeptos, ancora-se em convicções, pauta-se por uma

---

<sup>2</sup> O termo vocação aqui precisa ser bem compreendido, uma vez que está implicado por várias nuances e tendências considerando a Alemanha. Teve conexões com a religião, com a perspectiva formativa clássica, contudo, em Nietzsche esse termo, segundo Béland (2022), tem uma relação clara com a ideia de “chamamento”, ou seja, como conduzir a vida na esteira da própria obra na qual o artigo está inserido - Filosofia como modo de vida.



fidelidade que antes de tudo deseja a permanência e a proteção. Somos fiéis em grande medida porque ela nos alcança vantagens e menos prejuízos. Nesses termos aquilo que prometemos no ambiente da vantagem e da paixão sem enfrentar a dureza do pensamento e dos argumentos acaba por converter a educação e a justiça ao tamanho de nossa mediocridade. Sempre que entregamos nosso coração a um partido, a uma autoridade ou a um pensador corremos o risco de adentrar e habitar o terreno da veneração e nos distanciamos da experiência complexa do pensamento. Estaríamos mesmo obrigados a ser fiéis a isso? Por vezes não é a fidelidade mesmo que nos afasta da alegria da mudança?

Daí a necessidade de alargar a compreensão da política, da justiça, da educação começando por enfrentar a nossa própria condição de crente em geral entusiasmados pelas próprias convicções e por algum timoneiro que nos captura. Precisamos recuperar uma outra alegria, aquela da mudança, da passagem, da suspeita, afinal segundo Nietzsche talvez possamos ser mais andarilhos, alcançando em alguma medida a liberdade da razão, sem roteiros e métodos dados como ideais que afinal jamais se concretizam. Em que medida está a nossa singular arte de interpretar, de interromper determinadas lógicas articuladas nos contextos pedagógicos e políticos? A formação humana implica esta arte para não cair em armadilhas fáceis, que insistem com nossa adesão, não necessariamente com nossa reflexão. A filosofia como modo de vida, nos termos defendidos por Béland (2022), recomenda uma intensificação na capacidade de olhar, o que nem sempre é percebido para fazer florescer um tipo de indivíduo afirmativo, capaz de criticar o nivelamento, a mediocridade, a pressa para preparar o terreno para um pensamento também criativo e de novos valores. Nietzsche, Lispector e Montaigne igualmente são provocativos e primam pela defesa da liberdade do pensar e agir.

A experimentação de si no campo da educação insinua possíveis desvios e surpresas em relação às expectativas que a sociedade pode ter em relação a nós e aos próprios desdobramentos da tarefa ética da educação. A considerar essa aventura nos depararemos com a diferença e as suas múltiplas faces, por isso o caminho até a liberdade é lento e será preciso força para sustentar uma outra posição ética



Não seria possível então imaginar com estas indicações de formação humana outro cenário no campo da ação política e da justiça, capaz de criar alguma imunidade a compulsão à revanche, a suspensão de um tipo de filiação que nos faz andar curvados com a ilusão que assim estamos protegidos da barbárie? A barbárie também pode ser fecundada por meio de tratados, revanches, punição e vontade de extermínio, é disso que se trata. Afinal, “quando voltarei para minha pátria onde já não terei de me curvar??” Neste horizonte defendo que a educação pode agir e desenhar um outro futuro.

## REFERÊNCIAS

- BELAND, Martine. Vocação como terapia: Nietzsche e o conflito entre profissão e chamamento na academia. *In*: FAUSTINO, Marta; TESTA, Federico (org.). **Filosofia como modo de vida - ensaios escolhidos**. Lisboa: Edições 70, 2022.
- CONCEIÇÃO, Gimar Henrique da. Montaigne e a lei: sobre o do costume e de não mudar facilmente uma lei aceita (i, 23) (e da experiência (iii, 13). **Revista Quaestio Iuris**, v. 8, n. 2, p. 898-919, 2015.
- DELB O, Lopes. Adriana. **O lugar da política no pensamento de Nietzsche sobre a cultura**. [https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/adriana\\_delbo\\_lopes\\_projeto\\_posdoc\\_2008.pdf](https://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/adriana_delbo_lopes_projeto_posdoc_2008.pdf). Acesso em: 09/2025.
- DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. ** gua viva**. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.
- LISPECTOR, Clarice. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.
- MONTAIGNE, Michel de. **Ensaios**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Editora 34, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zarathustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2026v35n1.75426

Lucia Schneider Hardt  
**O direito de punir do Estado e seus  
desdobramentos políticos:  
em que medida a formação que  
temos analisa a questão?**

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**: uma polêmica. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado Humano v. II**. Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHNEIDER HARDT, Lúcia. Justiça para além do mundo do espetáculo, da ordem e da segurança. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 18, n. 1, p. e472036, 2024.

VIESENTEINER, Jorge. Aprender a ver, aprender a pensar, aprender a falar e escrever: condições integrantes do conceito de *Bildung* no Crepúsculo dos Ídolos de Nietzsche. In: DIEZ, Carmen Lucia (org.). **Instigar a pensar e a questionar**: o sentido do ensino da filosofia. São Paulo: Mercado de Letras, 2012. v. 1, p. 13-35.

VILAS, Manuel. **Em tudo havia beleza**. São Paulo: TusQUETS editores, 2023.

#### SOBRE A AUTORIA:

[\*] Mestrado e Doutorado (UFRGS) em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Bolsista em produtividade em pesquisa-PQ-2 - Universidade Federal de Santa Catarina –  
<http://orcid.org/0000-0002-4939-0156> - [luciashardt@gmail.com](mailto:luciashardt@gmail.com)

---

Submetido em: 11 de Agosto de 2025.

Aprovado em: 16 de Setembro de 2025.

Publicado em: Fevereiro de 2026.